

DOSSIER DE DOCUMENTAÇÃO N.º 1

ALABASTROS MEDIEVAIS INGLESES

**MUSEU DO MOSTEIRO DE SANTA
MARIA DA VITÓRIA (BATALHA)**

DOSSIER DE DOCUMENTAÇÃO N.º 1

ALABASTROS MEDIEVAIS INGLESES

Capa Of. Graf. M. A. P., Lda.
Orientação de Sebastião Rodrigues

Artes Finais Jorge Alves

Execução em Offset Tiposet Sociedade de tipografia e Offset, Lda.

Reprodução por Fotócopia Gevafax Representações José Pereira, Lda.

Coordenação Equipe Responsável da Exposição Temporária

Banda Desenhada José Garcês

Fotografias Estúdio Mário Novais, executadas para a exposição "Alabastros Medievais Ingleses" Batalha, 31 Jan./12 Jul. 81.
Negativos arquivo fotográfico do Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória

Edição Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, subsidiada pelo Fundo de Fomento Cultural.

JUNHO 1981

ESTE VOLUME CONTÉM

INTRODUÇÃO

BANDA DESENHADA E TEXTOS DE LIGAÇÃO

FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS

TEXTOS

Mediaeval English Alabaster-work in Portugal Thomas Bodkig

A colecção de escultura de Nottingham do Museu Nacional de Arte Antiga
S. Barata Feio

Alabastros de Nottingham João Couto

Três painéis de Alabastros de Nottingham do Museu de Arte Antiga-A iconografia das "St. John's Heads" Dagoberto Markl

Alabastros Medievais Ingleses colecção do Museu Nacional de Arte Antiga Sérgio Andrade

Alabastros Medievais Ingleses em Portugal-Subsídios para a sua inventariação e estudo Região Beiras Pedro Dias

Portugal e os Alabastros Medievais Ingleses conferência de Francis Cheetham

DOSSIER DE DOCUMENTAÇÃO N.º 1

O Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória teve a sua primeira actividade para o público com Exposição Temporária "Alabastros Medievais Ingleses" (31 Janeiro/12 de Julho de 1981).

A exposição reuniu a quase totalidade das peças conhecidas em colecções públicas e de entidades religiosas portuguesas, utilizando como processo informativo a linguagem da banda desenhada.

Com o tema escolhido procurou-se chamar a atenção do público simultaneamente para uma época — a da edificação do Mosteiro — e para as relações Portugal — Inglaterra, também elas, invocadas a propósito de Santa Maria da Vitória.

Em termos de publicação optou-se por um tipo diferente do habitual catálogo, dada a maneira como a exposição estava organizada, dispensando um elemento de consulta no local. Pretendia-se, sobretudo uma publicação que vivesse independente da exposição e facultasse ao público um maior (e não definitivo) leque de utilizações.

Assim aparece o Dossier de Documentação, reunindo dois tipos de elementos: os directamente saídos da exposição — banda desenhada e textos de ligação, fotografias das peças com a classificação aí adoptada — e quase todos os estudos até à data realizados em Portugal sobre Alabastros Medievais Ingleses, inseridos em publicações já esgotados ou de difícil acesso ao público.

Admitindo-se a possibilidade de estes dois tipos de documentos encontrarem recepção diferente por parte de um público com interesses diversos, decidiu-se a edição do dossier em duas modalidades. Uma com os documentos visuais já referidos, outra acrescida com textos de estudo sobre alabastros.

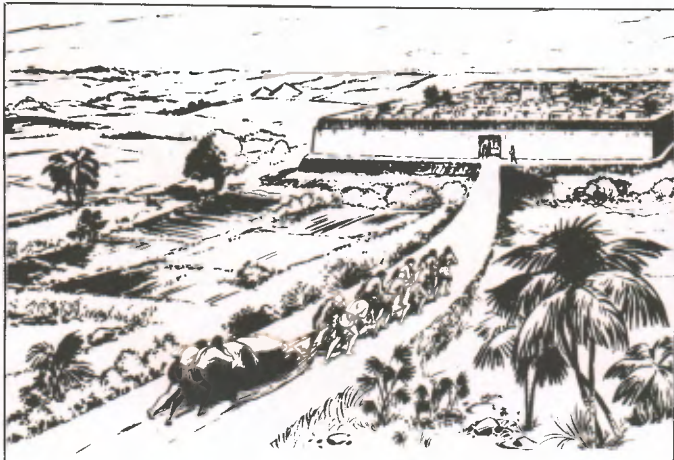
O dossier de Documentação integra-se num programa geral de publicações do Museu do Mosteiro da Batalha. À medida que investigações e trabalhos preparatórios o permitam, ou que acções temporárias o justifiquem, procurar-se-à pôr à disposição do público documentação susceptível de contribuir para um melhor conhecimento do Mosteiro e das épocas em que se integra.

ALABASTROS MEDIEVAIS INGLESES

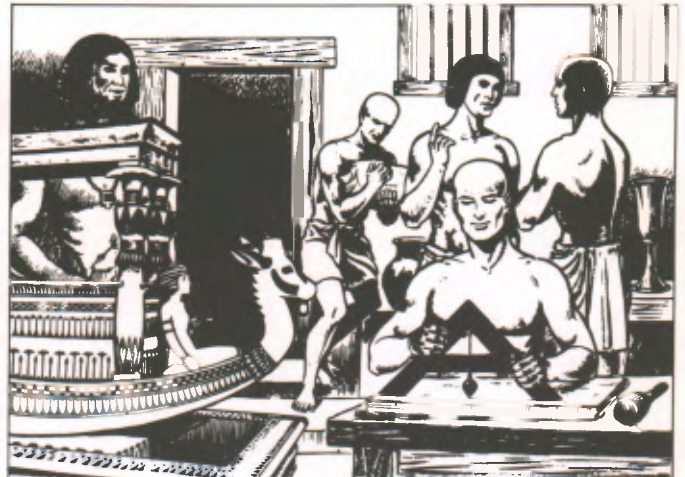
Designa um tipo determinado de escultura: placas trabalhadas em relevo e imagens de volumes pouco pronunciados;

Executada num material específico – o alabastro gipsoso;

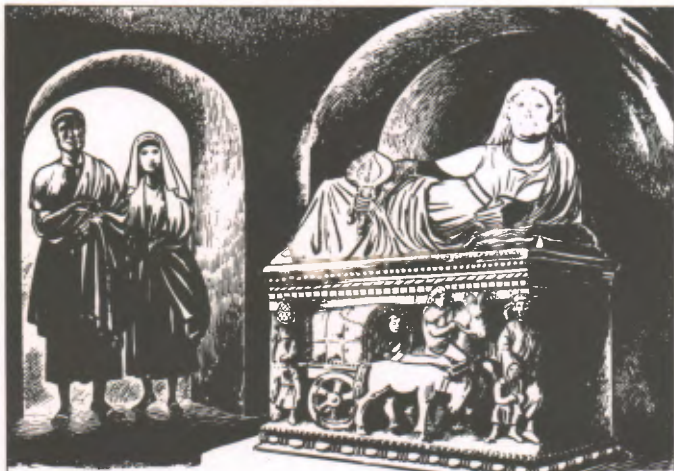
Em Inglaterra, nos sécs. XIV e XV, de modo geral entre 1350 e 1500.



O NOME "ALABASTRO" PROVÉM DA CIDADE DE ALABASTRON, NO ALTO EGÍPTO, ONDE NA ANTIGUIDADE SE EXTRAÍAM GRANDES QUANTIDADES DESTE MATERIAL.



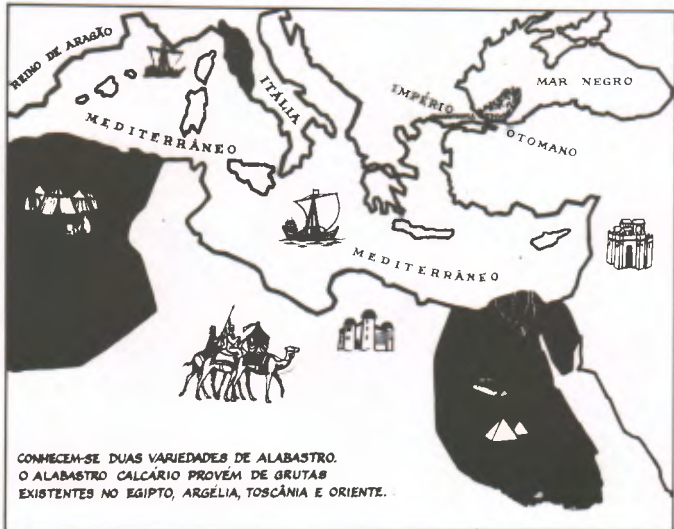
O ALABASTRO CALCÁRIO ERA AÍ UTILIZADO NA ARQUITECTURA OU NA ORNAMENTAÇÃO (REVESTIMENTO DE PAREDES E DE CHÃOS) E NA EXECUÇÃO DE URNAS FUNERÁRIAS.



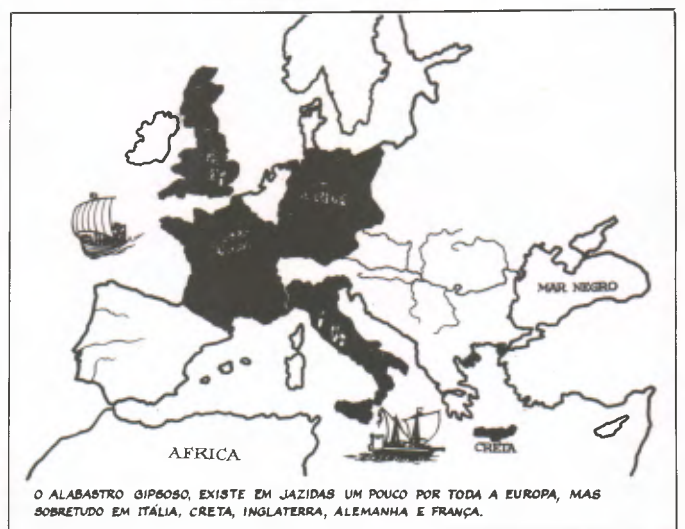
OS ETRUSCOS (CUJA CIVILIZAÇÃO SE DESENVOLVEU ENTRE 700 E 350 A.C. NA REGIÃO TOSCANA) TAMBÉM O UTILIZARAM EM SARCÓFAGOS E URNAS FUNERÁRIAS.



O ALABASTRO GIPSOZO JÁ ERA UTILIZADO NA ANTIGUIDADE. OS GREGOS FAZIAM COM ELE FRASCOS PARA PERFUMES OU PARA ÓLEOS.



CONHECEM-SE DUAS VARIEDADES DE ALABASTRO. O ALABASTRO CALCÁRIO PROVÉM DE GRUTAS EXISTENTES NO EGÍPTO, ARGÉLIA, TOSCÂNIA E ORIENTE.



O ALABASTRO GIPSOZO, EXISTE EM JAZIDAS UM POUCO POR TODA A EUROPA, MAS SOBRETUDO EM ITÁLIA, CRETA, INGLATERRA, ALEMANHA E FRANÇA.

O alabastro gipsoso é uma variante mineral de gesso, composta por sulfato de cálcio. Bastante macio quando extraído podia ser trabalhado com facilidade. Endurecendo em contacto com o ar, recebia bem a policromia e douradura. A sua cor – branco opaco, amarelado ou avermelhado – depende da idade das camadas das jazidas de onde se extraiu.

A Inglaterra foi um dos principais centros da produção medieval, sendo aí o alabastro usado em escultura pelo menos desde meados do séc. XII, com maior desenvolvimento a partir de 1350 até à Reforma.

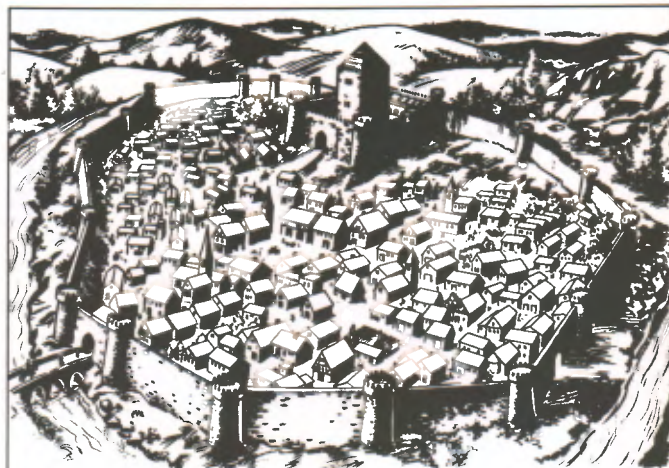
Neste período – 1.^a metade do séc. XVI – são tomadas várias medidas visando a fundação de uma Igreja Anglicana separada do Catolicismo. A suspensão e perseguição à antiga religião, a extinção dos mosteiros e a proscricção de imagens conduzem ao desaparecimento do recheio das igrejas inglesas, sendo destruídos e dispersos retábulos, placas e imagens de alabastro.

Muitas das peças, destinadas a serem destruídas, entram numa espécie de “mercado negro” aproveitadas para uma intensa exportação para França onde foram vendidas em grandes quantidades.

Com a Reforma Anglicana a indústria de alabastros fica limitada à execução, não religiosa, de elementos tumulares.



O ALABASTRO GIPSOZO ERA MUITO ABUNDANTE EM JAZIDAS INGLESA DO NOTTINGHAMSHIRE, DERBYSHIRE E STAFFORDSHIRE. JUNTO DELAS SE DEVIAM TALHAR OS GRANDES BLOCOS E EXECUTAR AS PEÇAS DE MAIORES DIMENSÕES.



MAS A MAIORIA DAS OFICINAS DE ESCULTURA SITUAVA-SE NAS CIDADES DE NOTTINGHAM (PRINCIPAL CENTRO DA INDÚSTRIA DE ALABASTRO DO SÉC. XV), YORK, LONDRES, BURTON-ON-TRENT, LINCOLN E NORWICH.



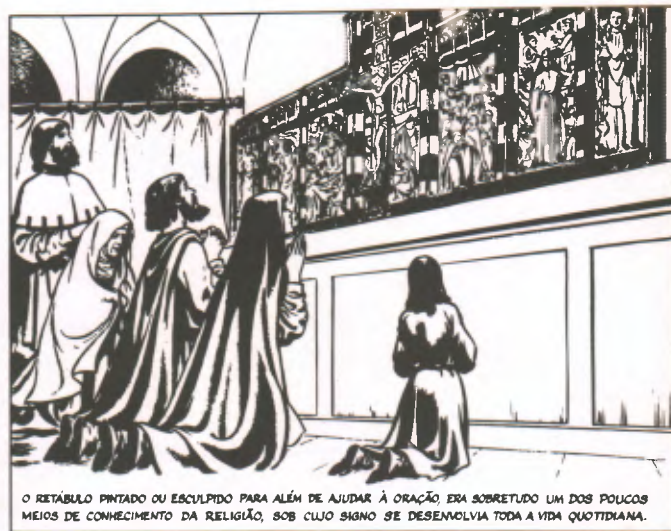
O TRANSPORTE DE PEQUENOS BLOCOS DE ALABASTRO DESTINADO A PLACAS E IMAGENS ERA FEITO NÃO SÓ ATRAVÉS DOS RIOS...



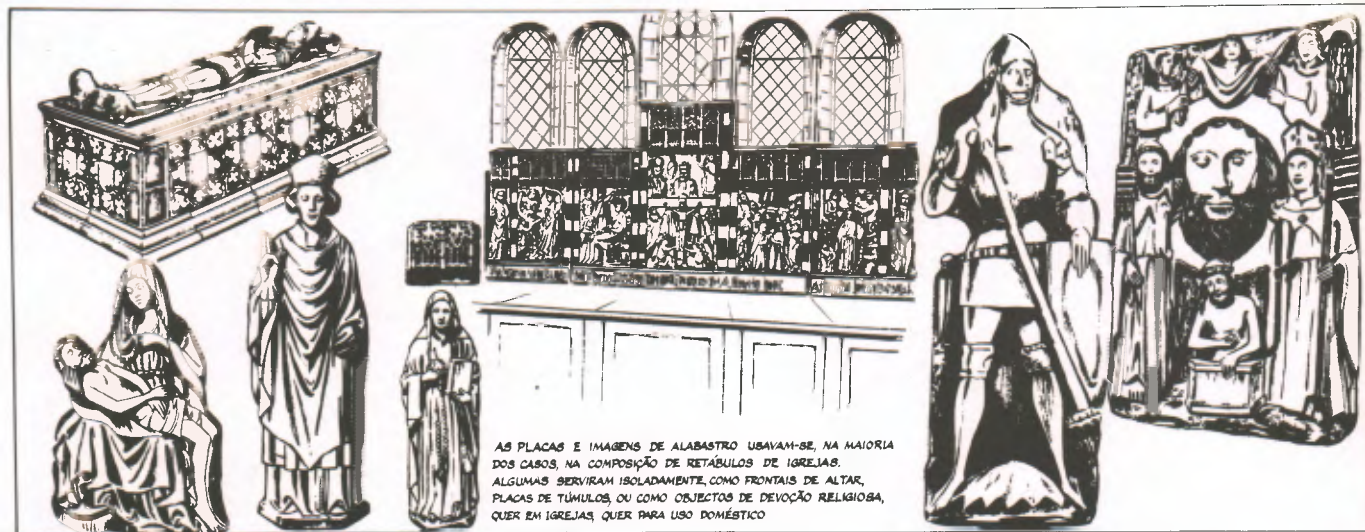
... COMO POR TERRA, UTILIZANDO-SE OS MESMOS MEIOS PARA O TRANSPORTE DAS PEÇAS JÁ ESCULPIDAS. UM GRANDE RETABULO PODIA EXIGIR 10 CARROS, CADA UM COM 8 CAVALOS.



NA IGREJA MEDIEVAL, PINTURAS E ESCULTURAS, VITRAIS E ILUMINURAS ERAM MEIOS ESSENCIAIS DE COMUNICAÇÃO DE ~~RELIGIÃO~~ E DE CULTURA.

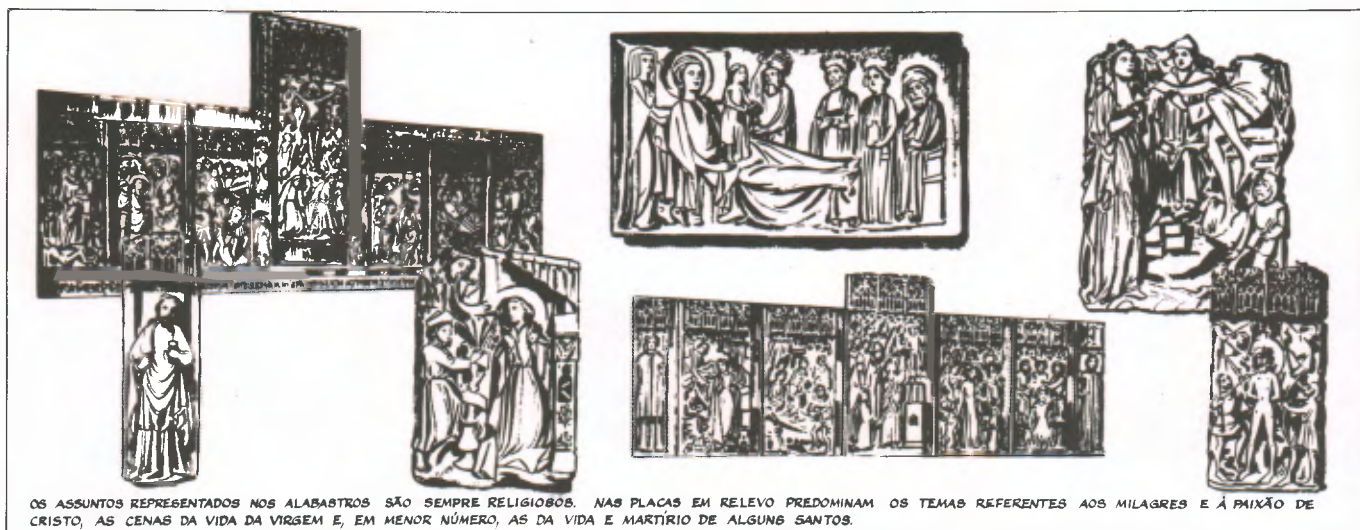


O RETÁBULO PINTADO OU ESCULPIDO PARA ALÉM DE AJUDAR À ORAÇÃO ERA SOBRETUDO UM DOS POUCOS MEIOS DE CONHECIMENTO DA RELIGIÃO, SOB CUJO SIGNO SE DESENVOLVIA TODA A VIDA QUOTIDIANA.



AS PLACAS E IMAGENS DE ALABASTRO USAVAM-SE, NA MAIORIA DOS CASOS, NA COMPOSIÇÃO DE RETÁBULOS DE IGREJAS. ALGUMAS SERVIAM ISOLADAMENTE, COMO FRONTAIS DE ALTAR, PLACAS DE TÚMULOS, OU COMO OBJECTOS DE DEVOÇÃO RELIGIOSA, QUER EM IGREJAS, QUER PARA USO DOMÉSTICO

Entre as placas usadas isoladamente destacam-se as "cabeças de S. João Baptista". Este tema conheceu grande difusão em várias regiões da Europa, desde a 2.ª metade do séc. XV. Essas peças eram consideradas como tendo poderes milagrosos na cura de todos os "males de cabeça". Executadas sobretudo nas oficinas de Nottingham, tiveram assim um uso essencialmente doméstico.



OS ASSUNTOS REPRESENTADOS NOS ALABASTROS SÃO SEMPRE RELIGIOSOS. NAS PLACAS EM RELEVO PREDOMINAM OS TEMAS REFERENTES AOS MILAGRES E À PAIXÃO DE CRISTO, AS CENAS DA VIDA DA VIRGEM E, EM MENOR NÚMERO, AS DA VIDA E MARTÍRIO DE ALGUNS SANTOS.



NAS IMAGENS PREDOMINAM AS REPRESENTAÇÕES DA VIRGEM, DOS APÓSTOLOS E SANTOS COM MAIOR DEVOÇÃO NO PERÍODO MEDIEVAL - SÃO PAULO, SÃO PEDRO, SÃO TIAGO, SANTA CATARINA, SÃO JORGE, SÃO JOÃO BAPTISTA.



AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS DA ÉPOCA MEDIEVAL INFLUENCIAM OS ARTESÃOS QUE TRABALHAM O ALABASTRO. À PINTURA, ESCULTURA, MARFINS E VITRAIS EXISTENTES NAS IGREJAS INGLESAS VÃO, MUITAS VEZES, BUSCAR O ESQUEMA DA COMPOSIÇÃO DE UMA PLACA, A FORMA DE REPRESENTAÇÃO DE UM SANTO OU A RESOLUÇÃO DE UM SIMBOLISMO RELIGIOSO.



DOCTRINA CRISTÃ. TAMBÉM ELE TEVE INFLUÊNCIA NOS ALABASTROS NO MODO DE ORDENAR AS PERSONAGENS OU CARACTERIZAR AS SUAS ATITUDES E GESTOS.



OS LIVROS MANUSCRITOS, A MAIOR PARTE DAS VEZES ILUSTRADOS COM ILUMINURAS, FORNECIAM OUTRA FONTE DE INSPIRAÇÃO.

Uma das fontes em que os artistas medievais encontraram os elementos necessários para a representação de figuras ou cenas religiosas foi a Bíblia, e a par com ela, os Evangelhos Apócrifos. Estes tiveram sobre a iconografia cristã uma influência quase tão grande como a Bíblia. Os Apócrifos, livros de autenticidade duvidosa que a Igreja não aceitava, forneciam informações, não existentes nos Livros Canônicos, sobre a infância de Jesus ou a vida de Maria.



A ESCULTURA DE ALABASTRO TORNOU-SE UMA INDÚSTRIA DE ARTE. OS ARTESÃOS PRODUZIAM IMAGENS E PLACAS EM SÉRIE REPETINDO TEMAS E ESQUEMAS DE COMPOSIÇÃO.



O PREÇO MÓDICO E A MOBILIDADE DAS PEÇAS, CONTRIBUÍRAM PARA A SUA DIFUSÃO NO MERCADO INTERNO.



GRANDE PARTE DA PRODUÇÃO DE RETÁBULOS E RELEVOS DESTINAVA-SE A UM IMPORTANTE COMÉRCIO EXTERNO.



HÁ NOTÍCIA DESSE COMÉRCIO DESDE O SÉC. XII, COM A ITÁLIA, ESPANHA E FRANÇA. CONHECEM-SE, TAMBÉM, RETÁBULOS NA HOLANDA, ALEMANHA, DINAMARCA, ISLÂNDIA, NORUEGA E POLÓNIA.

Não se conhecem documentos comprovativos de que as peças de alabastro se incluíam no comércio entre a Inglaterra e Portugal, nos sécs. XV e XVI.

Embora não exista no nosso país nenhum retábulo, conhecem-se, pelo menos, meia centena de placas e imagens, que podem ter chegado a Portugal (antes ou depois da Reforma Anglicana) através de vias comerciais directas. As relações que existiam entre Portugal e a Inglaterra tornavam possível esse género de comércio.



PORTUGAL TINHA RELAÇÕES COMERCIAIS COM A INGLATERRA DESDE O SÉC. XII, MAS É NO REINADO DE D. DINIS QUE SURTEM OS PRIMEIROS TRATADOS DE COMÉRCIO.



NO DESENVOLVER DESTES CONTACTOS ERAM IMPORTANTES AS ALIANÇAS POLÍTICO-DINÁSTICAS. EDUARDO III DE INGLATERRA PROJECTA O CASAMENTO DO PRINCEPE NEGRO COM UMA FILHA DE AFONSO IV.



EM 1353 HOUEU NOVO TRATADO DE COMÉRCIO, PERMITINDO AOS MARINHEIROS PORTUGUESES PESCAREM NAS COSTAS INGLESA.



ALGUNS ANOS DEPOIS D. PEDRO I CONCEDIA, EM PORTUGAL, PRIVILÉGIOS A MERCADORES INGLESES. JÁ ENTÃO HAVIA UM TRÁFICO COMERCIAL INTENSO ENTRE OS DOIS REINOS.



NO REINADO DE D. FERNANDO AS LUTAS DINÁSTICAS COM CASTELA PROVOCAM ACORDOS E A ALIANÇA COM O PODEROSO DUQUE DE LENCASTRE (TRATADO DE TAGILDE, 1372)



NA CRISE PROVOCADA PELA MORTE DE D. FERNANDO, O MESTRE DE AVIS PEDE AUXÍLIO A RICARDO II.



O AUXÍLIO MILITAR CONCRETIZA-SE, NO CONFLITO DE 1383-1385, COM A VINDA DE HOMENS DE ARMAS PARA APOIAREM O MESTRE DE AVIS CONTRA O REI DE CASTELA. QUANDO ESTE CERCA LISBOA - 1384 - JÁ HÁ SOLDADOS INGLESES NA DEFESA DA CIDADE.



NA BATALHA DE ALJUBARROTA - 1385 - É IMPORTANTE A PARTICIPAÇÃO DE ARQUEIROS INGLESES BEM APETRECHADOS TÉCNICAMENTE: O TIPO DE ARCO QUE HÁ MUITO UTILIZAVAM GARANTIA UMA MAIOR EFICIÊNCIA, RAPIDEZ E CERTEZA DE TIRO.



EM 1386 ASSINA-SE O TRATADO DE WINDSOR ENTRE JOÃO I E RICARDO II. O DUQUE DE LENCASTRE PASSA EM PORTUGAL...



... E ENCONTRA-SE COM D. JOÃO I. UM ANO MAIS TARDE REALIZA-SE O CASAMENTO DO REI PORTUGUÊS COM D. FILIPA DE LENCASTRE.



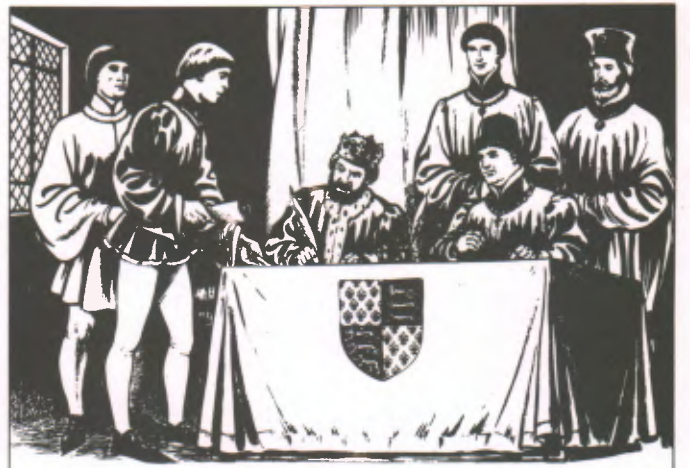
A COMITIVA DE D. FILIPA DE LENCASTRE DEVEIA INTEGRAR VÁRIOS ELEMENTOS, QUE SE TERÃO FIXADO EM PORTUGAL, CONTRIBUINDO PARA A INFLUÊNCIA INGLESA NAS LETRAS E NOS COSTUMES.



OUTRAS UNIÕES MATRIMONIAIS CONTRIBUÍRAM PARA O ESTREITAMENTO DE RELAÇÕES LUSO-INGLEBAS. (1405, CASAMENTO DE D. BEATRIZ, FILHA BASTARDA DE D. JOÃO I, COM O CONDE DE ARUNDEL)



AS RELAÇÕES COMERCIAIS, MILITARES E POLÍTICAS CONTINUARAM POR TODO O SÉC. XV. NA EXPEDIÇÃO CONTRA CEUTA - 1415 - TOMARAM PARTE SOLDADOS INGLESES.



E OS TRATADOS DE ALIANÇA FORAM CONTINUAMENTE RECTIFICADOS - 1403, 1435, 1436, 1438, 1440, 1471, 1482...



EM 1489 D. JOÃO II FAZ CONFIRMAR E RENOVAR EM INGLATERRA O TRATADO DE WINDSOR...



D. MANUEL (1495 - 1521) DÁ CONTINUIDADE A ESTA POLÍTICA DE ALIANÇA E ACORDOS COMERCIAIS.



Traição de Judas, prisão de Cristo
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Associação dos Arqueólogos Portugueses



Flagelação de Cristo
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Associação dos Arqueólogos Portugueses



Deposição no Túmulo
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Associação dos Arqueólogos Portugueses



Ressurreição
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Associação dos Arqueólogos Portugueses



Santa Ana ensinando a Virgem
séc. XV
policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Adoração dos Magos
princípios do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Natividade
segunda metade do séc. XIV
COIMBRA, Museu Nacional de Machado de Castro



Anunciação
finais do séc. XV/princípios do XVI
repintada
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Coroação da Virgem
meados/segunda metade do séc. XV
repintada
GOUVEIA, Museu Municipal



Coroação da Virgem
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Coroação da Virgem
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
PORTO, Museu Nacional de Soares dos Reis



Coroação da Virgem
finais do séc. XIV
CERNACHE, Igreja Paroquial



Assunção da Virgem
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cristo todo poderoso
segunda metade do séc. XV
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Incredulidade de S. Tomé
segunda metade do séc. XV
vestígios de policromia
COIMBRA, Museu Nacional de Machado de Castro



Ressurreição de Lázaro
cerca de 1450
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cura dos dois cegos de Jericó
cerca de 1450
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Pilatos lavando as mãos
finais do séc. XV
restos de policromia com repintura na zona superior
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Deposição no túmulo
finais do séc. XV
repintada
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



ECCE HOMO
segunda metade do séc. XV
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Crucificação
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
CARAMULO, Museu do Caramulo



Crucificação
segunda metade do séc. XV
restos de policromia
SINTRA, Palácio Nacional da Pena



Santíssima Trindade
segunda metade do séc. XV
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cena não identificada
séc. XV
fragmento de placa, possivelmente tumular
VISEU, Museu de Grão Vasco



Calvário
finais do séc. XIV
repintada
VISEU, Museu de Grão Vasco



Virgem da Piedade
finais do séc. XV
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Virgem da Piedade
finais do séc. XV
GUIMARÃES, Museu Alberto Sampaio



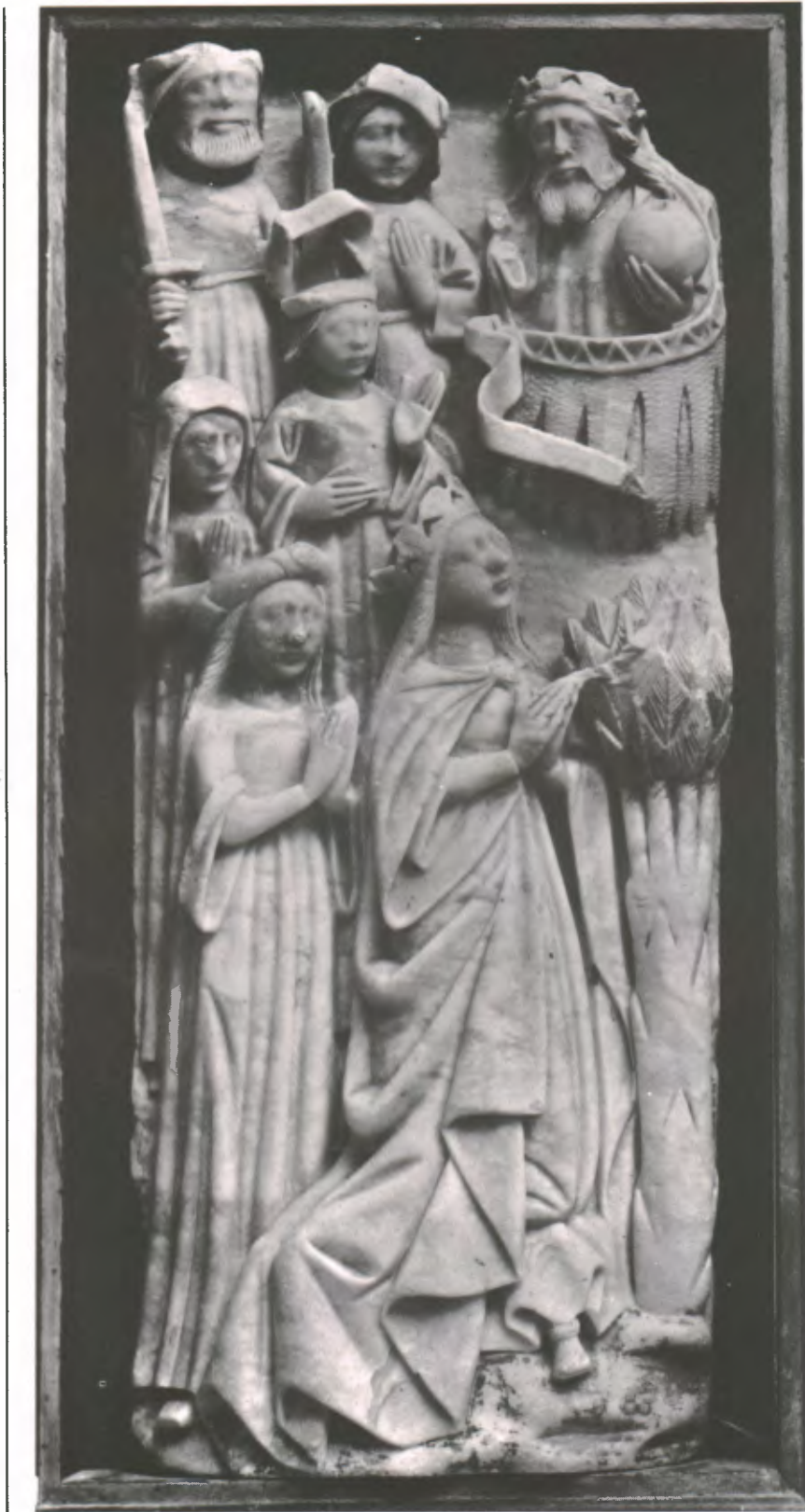
Santíssima Trindade
meados/segunda metade do séc. XV
restos de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Virgem com o menino
segunda metade do séc. XV
repintada
AVEIRO, Igreja de Nossa Senhora de Apresentação



Santíssima Trindade
segunda metade do séc. XV
repintada
LEIRIA, Igreja do Espírito Santo



Cena da Vida de Santa Catarina
finais do séc. XV
restos de policromia
FORNOS DE ALGODRES, Seminário de S. José



Santa Catarina
séc. XV/séc. XVI
restos de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Santa Catarina
segunda metade/ finais do séc. XV
vestígios de policromia
PORTO, Museu Nacional de Soares dos Reis



Santa Catarina
meados do séc. XV
restos de policromia
COIMBRA, Museu Nacional de Machado de Castro



S. Tomás de Canterbury (?)
segunda metade do séc. XV
repintada e com base falsa
PINHEIRO DA BEMPOSTA, Igreja Paroquial



Cabeça de S. João Baptista
segunda metade do séc. XV
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cabeça de S. João Baptista
finais de séc. XV
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cabeça de S. João Baptista
finais do séc. XV/princípios do séc. XVI
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga



Cabeça de S. João Baptista
princípios do séc. XV
vestígios de policromia
LISBOA, Museu Nacional de Arte Antiga